

# UM PSIQUIATRA EM NUREMBERGA

António de Araújo

LEON GOLDENSOHN

**Entrevistas  
de Nuremberga.  
Revelações  
dos Nazis  
a Um Psiquiatra  
Americano**

Lisboa,  
Edições Tinta-da-China  
2006, 548 páginas

Portugal tem assistido a uma mudança saudável – e espera-se que irreversível – no seu panorama editorial. O surgimento de novas casas editoras (e a alteração da política de editoras menos novas) fez com que os portugueses passassem a ter acesso a um conjunto de títulos estrangeiros praticamente ao mesmo tempo que os leitores de outros países. Tem-se concedido, a par disso, uma maior atenção a obras de «não-ficção», nomeadamente no campo da história contemporânea. Pelo fascínio, tantas vezes mórbido, que sempre exercem no grande público, as biografias dos ditadores e o período da II Guerra Mundial ganharam uma presença inusitada nas estantes das livrarias portuguesas. Passou o tempo em que uma novidade surgida no mercado internacional tinha de esperar anos e perder esse estatuto até ser publicada entre nós, já não como «novidade» mas como «clássico» consagrado (e, por vezes, datado). Entretanto, os leitores mais interessados já haviam adquirido o livro em tradução inglesa, francesa, espanhola ou... brasileira. A Internet deu-lhes a vantagem de o poderem fazer a preços relativamente módicos.

Os editores portugueses perderam o medo de apostar em trabalhos de grande fôlego, que exigem investimentos vultuosos e não isentos de riscos. Nas livrarias, encontram-se actualmente disponíveis obras de Richard Overy sobre os ditadores alemão e soviético, biografias de Mao Zedong com centenas de páginas, o recente *Livro de Hitler* e, em breve, o maciço ensaio de Simon Sebag Montefiore sobre a «corte» de Estaline. Com a chancela das Edições 70, foi publicado o monumental *Pós-Guerra*, de Tony Judt. E agora, numa edição com o excepcional apuro gráfico que sempre caracteriza os trabalhos da Tinta-da-china, temos entre mãos as *Entrevistas de Nuremberga*, redigidas por Leon Goldensohn e organizadas por Robert Gellately. Além da beleza do volume, deve saudar-se o cuidado extremo da tradução e da edição, nomeadamente a existência de um índice remissivo.

## O LIVRO E A SUA CIRCUNSTÂNCIA

A génese deste livro é, por si só, bastante curiosa. Leon Goldensohn (1911-1961), médico de profissão que se alistou no exército americano em 1943, tornou-se pouco

depois do fim da guerra o psiquiatra da prisão de Nuremberga e, nessa qualidade, entrevistou os arguidos no processo que teve lugar nessa cidade (de Karl Doenitz a Hermann Goering, passando por Rudolf Hess, Alfred Jodl ou Ernst Kaltenbrunner), bem como algumas testemunhas-chave (Rudolf Hoess, por exemplo, que dirigiu o campo de Auschwitz, ou Paul Schmidt, o intérprete de Hitler). Leon Goldensohn guardou os originais dactilografados das entrevistas, que permaneceram consigo até à morte, em 1961. A viúva, em 1970, vendeu a biblioteca do marido e, treze anos mais tarde, entregaria o seu espólio pessoal aos filhos. Só em 1994 dois dos filhos acederam à proposta de Eli Goldensohn, irmão do psiquiatra de Nuremberga, para rever, com vista à sua publicação, as notas que aquele tomara nos anos 40. Os originais encontram-se actualmente depositados num banco no estado de Nova York. E assim nasceu o presente livro, publicado em versão inglesa em 2004 e agora vindo a lume em Portugal.

Não há memória de alguém que tenha tido um acesso tão amplo – do ponto de vista do universo dos entrevistados – e ao mesmo tempo tão «íntimo» – do ponto de vista do método e do conteúdo das entrevistas – à elite nazi. Existem, é certo, narrativas memorialísticas que permitem reconstruir, de algum modo, o ambiente e as personalidades que gravitavam em torno de Hitler. Desde Albert Speer a Rudolf Hoess, passando por Traudl Junge, a secretária do Führer, muitos foram aqueles que, geralmente num registo justificativo e auto-desculpatório, contaram a sua trajectória durante a ascensão e queda do III Reich.

A jornalista Gitta Sereny teve igualmente oportunidade de publicar, em obra de que existe tradução portuguesa, uma extensa e impressionante entrevista com o comandante de Treblinka. Por outro lado, as diversas tentativas de «explicação» do «fenómeno Hitler» foram recenseadas no notável ensaio *Explaining Hitler*, de Ron Rosenbaum. A resenha das «conversas à mesa» de Hitler (*Hitler's Table Talk*, organizado por Trevor-Roper) é também um instrumento crucial para recriar a atmosfera que rodeava o Führer e a sua personalidade, bem como os avanços e recuos da catástrofe nazi. Dois títulos a merecer a atenção dos corajosos editores portugueses.

Em confronto com algumas das obras atrás citadas, este livro de Goldensohn oferece um retrato muito mais completo e diversificado, além de mais isento e objectivo, das personalidades-chave do III Reich que compareceram perante os juízes de Nuremberga. Faltam, obviamente, alguns nomes – Adolf Hitler, Heinrich Himmler, Josef Goebbels, Martin Bormann – que por circunstâncias do acaso conseguiram escapar ao julgamento de Nuremberga. Mas será difícil reunir num só livro o depoimento desta quantidade (e qualidade) de personagens cimeiras do regime nazi. Dir-se-á que, até por razões de autodefesa, os entrevistados se furtam a confessar abertamente os seus crimes e, muito menos, a revelar os seus estados de alma. Nesse particular, muitas das entrevistas de Goldensohn pouco adiantam em relação aos interrogatórios que, no âmbito do processo propriamente dito, foram realizados – mas que são de difícil, senão impossível, leitura na sua integralidade. Por outro lado, se o lei-

tor pretende obter uma visão panorâmica do que foi o processo de Nuremberga encontrará melhores fontes na obra clássica de Telford Taylor (*The Anatomy of the Nuremberg Trials*), num ensaio mais recente de Richard Overy (*Interrogations: The Nazi Elite in Allied Hands*) ou na súpula documental publicada por Michael Marrus (*The Nuremberg Trial: A Documentary History*).

### **ENTRE A «PERSONALIDADE AUTORITÁRIA» E A «BANALIDADE DO MAL»**

Este não é um livro sobre o que se passou no Tribunal Militar Internacional de Nuremberga. É um conjunto de entrevistas, que inexplicavelmente permaneceu inédito durante décadas, aos principais responsáveis do regime nazi. Goldensohn teve o privilégio, o cruel privilégio, de realizar *in vivo* o trabalho que, poucos anos depois, seria empreendido sob a égide de Theodor Adorno em torno da descodificação da «personalidade autoritária». Embora sem o fulgor teórico da investigação dirigida por Adorno, o trabalho de Goldensohn tem, contudo, em relação a ela o mérito de não pretender apresentar «explicações» ou formular juízos, nem sequer realizar uma caracterização global do perfil psicológico dos entrevistados. Goldensohn não se deixou seduzir pelo óbvio «fascínio» dos seus entrevistados – um fascínio que resultava, tão-só, de terem contribuído de forma decisiva para a prática de uma das maiores barbáries da história da humanidade. Antecipando o juízo de Hannah Arendt relativamente a Eichmann, em lugar de «monstros» Goldensohn deparou com indivíduos «normais» ou «banais», que frequentemente se desculpavam com o chavão clássico de

se encontrarem a cumprir ordens superiores (*Befehl ist Befehl* deve ter sido a expressão mais pronunciada nas comissões de desnazificação do pós-guerra). Ao contrário do que aconteceu quando estavam prestes a morrer, poucos apelaram ao perdão das gerações vindouras ou responderam com afirmações grandiloquentes em torno de uma pretensa absolvição pela História. Com o destino traçado, os inquiridos por Goldensohn respondem de um modo sereno e objectivo, ainda que obviamente tentando diminuir o alcance da sua responsabilidade (Goering, por exemplo, aceitava todas as acusações, excepto as que se prendiam com a sua participação no Holocausto). O conteúdo das perguntas e a própria forma «clínica» como o livro é apresentado – uma sucessão de entrevistas, antecedida de um breve enquadramento de cada encontro – conferem a esta obra uma cadência e um ritmo absolutamente «normais». Desengane-se quem julgar que aqui encontrará algo como «os nazis no divã», com vastas divagações sobre os seus traumas de infância ou profundos distúrbios psicológicos. Mas Goldensohn nunca perde a perspectiva do psiquiatra; deste modo, o livro não interessa tanto para um levantamento factual do que se passou no III Reich quanto para uma caracterização da «mentalidade nazi». Muitas vezes, essa caracterização é feita menos através do que os entrevistados dizem do que a partir daquilo que calam ou apenas deixam entrever. Goering, por exemplo, exime-se habilmente a responder a certas questões, refugiando-se em trivialidades. Mas, quando fala da sua formação, o peso que confere aos elementos hereditários, as suas digres-

sões pelo mundo artístico ou pelas leituras que fazia, a importância que atribui ao facto de alguém ser oriundo do Norte ou do Sul da Alemanha («Todos os grandes homens de Estado são do norte e todos os grandes artistas são do sul») são elementos que ajudam a explicar muita coisa. Como é evidente, o leitor corre o risco de cair numa interpretação retrospectiva de tudo quanto é dito, procurando descobrir em cada palavra dos entrevistados o caminho que a História tomou. Isso é particularmente evidente no profundo ressentimento que caracteriza alguns dos entrevistados, sendo constantes as recriminações mútuas e as acusações cruzadas. Os ausentes são dos principais visados: Goering, por exemplo, não poupa Himmler e, sobretudo, Goebbels, a quem acusa de ter tido uma influência profundamente nefasta sobre Hitler.

Apenas em relação a Rudolf Hess e, provavelmente, Hans Frank se poderia alegar insanidade mental. Todos os outros tinham perfeita consciência dos actos que praticaram – o que não significa que todos se sentissem culpados por tais actos, o que é algo completamente diferente. Alguns que a História rotulou como os mais «brutais» – como Ernst Kaltenbrunner – respondem a Goldensohn com uma serenidade imperturbável, descrevendo de forma fria e objectiva muitos dos factos que caracterizaram a tragédia alemã. O depoimento de Rudolf Hoess é dos mais arrepiantes. A dado passo, diz-nos, sobre as câmaras de gás: «As pessoas ficavam muito apertadas umas contra as outras.» «Em cada uma das casas era possível gasear entre mil e oitocentas e duas mil pessoas de cada vez.» «Para incinerar

duas mil pessoas precisávamos de cerca de vinte e quatro horas com os cinco fornos a trabalhar.» O comandante de Auschwitz adiantou que, na sua cela, não pensava nas execuções, nos gaseamentos e na cremação dos corpos. Os fantasmas dos mortos não o perseguiram; «não tenho devaneios desses», respondeu, seco e cortante. Frases como estas talvez sejam a melhor explicação para a objectividade inquisitorial de Leon Goldensohn. Possivelmente, não foi por razões médicas ou científicas que o entrevistador evitou «interpretar» o que lhe disseram ou «explicar» a personalidade dos seus entrevistados. Tudo indicia que, pura e simplesmente, foi incapaz de fazê-lo. Rudolf Hoess, o mesmo homem que contabilizava mortes e descrevia em detalhe a logística das operações de extermínio, dizia que na sua vida íntima «sempre correu tudo bem» e que aos 17 anos tivera a primeira experiência sexual com uma enfermeira, num hospital de Damasco. «Correu tudo bem», resumiu Hoess. Tão bem como o funcionamento dos crematórios: «Nos crematórios e câmaras de gás erigidos mais recentemente, e que eu próprio desenhei, já tínhamos orifícios de observação para podermos confirmar que todas as pessoas estavam mortas.» Quem dizia isto, dizia também que a mulher com quem casara era uma «boa cozinheira» ou que os seus passatempos preferidos eram a equitação e a caça mas que, infelizmente, não tinha tempo para eles, pois «estava sempre muito ocupado e cansado por causa do trabalho». No caso de Hoess, o seu «trabalho», que tanto o cansava e ocupava, não o libertou. Pelo contrário. Seria enforcado em Auschwitz, a 7 de Abril de 1947. RI